



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA INÊZ DE FREITAS

O GÊNERO TEXTUAL CONTO: FERRAMENTA MOTIVADORA NA FORMAÇÃO  
DE LEITORES AUTÔNOMOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

CAMPINA GRANDE  
OUTUBRO DE 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL -UEPB

F866g

Freitas, Maria Inez de.

O gênero textual conto: Ferramenta motivadora na formação de leitores autônomos na educação de jovens e adultos [manuscrito]:

/ Maria Inez de Freitas, 2012

46f. : il. : Color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. Inácio de Araujo Macêdo, Departamento de Pedagogia”.

1. Educação de Jovens e Adulto - EJA 2.  
Formação de Leitores 3. Gênero Textual 4.  
Conto. I. Título.

21. ed. CDD 374



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MARIA INÊZ DE FREITAS

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
Pedagógica, da Universidade Estadual da  
Paraíba em cumprimento à exigência pra  
obtenção do grau em Licenciado em  
Pedagogia sob a orientação do Professor  
Mestre Inácio de Araujo Macêdo.

CAMPINA GRANDE  
OUTUBRO DE 2012

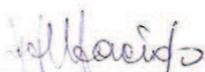
MARIA INEZ DE FREITAS

O GÊNERO TEXTUAL CONTO: FERRAMENTA MOTIVADORA NA FORMAÇÃO DE  
LEITORES AUTÔNOMOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

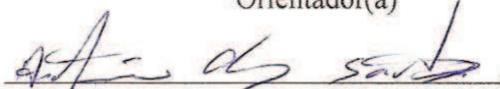
Trabalho de Conclusão de Curso- TCC  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba em  
cumprimento à exigência para obtenção do  
grau de Licenciada em pedagogia.

Data de aprovação: 08/10/2012

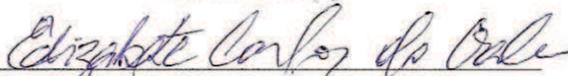
Banca examinadora



Prof.<sup>o</sup> Mestre Inácio de Araujo Macêdo  
Orientador(a)



Prof.<sup>o</sup> Mestre Antonio Carlos dos Santos  
Examinador(a)



Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Elizabete Carlos do Vale  
Examinador(a)

CAMPINA GRANDE  
OUTUBRO DE 2012

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho  
A Deus,  
A meus pais *in memória*,  
A meus filhos e esposo,  
A todos os meus amigos.

## **AGRADECIMENTOS**

O Deus,

Pela força espiritual para a realização desse trabalho.

A meus pais *in memória*, pela a oportunidade que me deram em estudar.

A meu marido e meus filhos,

Por ter suportado a minha ausência nos momentos importantes de suas vidas.

As minhas irmãs e aos meus irmãos, pelo carinho, compreensão nos momentos difíceis.

Ao coordenador do TCC e ao orientador por ter acreditado no meu esforço para a realização deste trabalho.

Ao professor Fábio e aos seus alunos, pela disponibilidade de fazer parte do universo da pesquisa.

E finalmente, agradeço a todos os meus colegas que me ajudaram direto ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho. A todos vocês, **MUITO OBRIGADA!**

A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede.

Carlos Drummond de Andrade

## RESUMO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na turma do 8º ano, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), envolvendo o professor e os alunos, da disciplina de Língua Portuguesa, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Inácio, situado no município de Boqueirão - PB. Teve como objetivo observar e acompanhar o desenvolvimento do projeto de leitura realizado com o gênero textual “conto” que tem como finalidade mediar situações de leitura prazerosa e descompromissada com atividades de escrita e incentivar o gosto pela leitura em alunos de EJA. Para referendar nossas discussões, buscamos respaldo nas teorias e estudos de Kleiman, (1998; 1995), Freire, (1988), Solé, (1998), Marcuschi, (2002), Silva (2002), Gotlib (1998) Vygotsky, (1994), Koch, (2002), Brasil (2000), entre outros. A revisão da literatura está apresentada em três capítulos. No primeiro capítulo abordamos o Resgate Histórico da Educação de Jovens e Adultos: Trajetória, Perfil dos Alunos de EJA e Proposta Curricular para EJA no segundo capítulo descreveram sobre a Leitura e o Conhecimento Prévio dos Alunos da EJA e no terceiro capítulo apresentamos as análises dos dados coletados, Reescrevendo a Prática. Por fim, tecemos algumas considerações que apontam o trabalho com o gênero textual “conto” como uma das estratégias que levam os alunos da EJA a se sentirem motivados para a leitura espontânea.

Palavras chave: Educação de Jovens e Adultos. Leitura de Contos. Formação de Leitores.

## ABSTRACT

This work is the result of a survey conducted in class in 8th grade, in the form of Youth and Adults (EJA) involving the teacher and students, the discipline of Portuguese Language School Hall Elementary School Father Ignatius, situated in the municipality of Boqueirão - PB. Aimed to observe and monitor the development of the reading project carried out with the genre "short story" that aims to mediate situations of pleasurable reading and writing activities with uncompromising and encourage a love of reading in students EJA. To endorse our discussions, we seek to support the theories and studies Kleiman (1998, 1995), Freire (1988), Solé (1998), Marcuschi, (2002), Silva (2002), Gotlib (1998) Vygotsky (1994), Koch (2002), Brazil (2000), among others. The literature review is presented in chapter three. In the first chapter we discuss the Redemption History of Education Youth and Adults: trajectory, Profile Student EJA and Currículo Proposal for the second chapter will describe the Reading and Student Prior Knowledge of EJA and the third chapter we present the analysis of data collected , Rewriting Practice. Finally, we make some considerations that link the work with the genre "story" as one of the strategies that lead students to the EJA feel motivated to read spontaneous.

Keywords: Youth and Adults. Reading Tales. Training Readers.

## SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	10
2- FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.....	13
CAPITULO I: RESGATE HISTORICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TRAJETÓRIA, PERFIL E PROPOSTA CURRICULAR.....	13
1.1- Trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.....	13
1.2- Perfil do Aluno de EJA.....	14
1.3- A Proposta Curricular para EJA.....	15
CAPÍTULO II: A LEITURA E O CONHECIMENTO PRÉVIO DOS ALUNOS DA EJA.....	17
2.1- A leitura para os alunos de EJA.....	17
2.2- Os gêneros textuais na leitura do jovem e do adulto.....	19
CAPITULO III: REESCREVENDO A PRÁTICA.....	21
3.1-Análises da entrevista realizada com o professor.....	21
3.2-Análises das entrevistas realizadas com os alunos.....	25
3.3-Narrativas das observações.....	29
3.4-Análises das observações.....	33
3- CONSIDERAÇÕES.....	35
4- REFERÊNCIAS.....	38
5 - APÊNDICE.....	40
5.1-Entrevista com o professor.....	40
5.2-Entrevista com os alunos.....	41
5.3-Imagens.....	42

## 1 – INTRODUÇÃO

A leitura é um dos elementos fundamentais no processo de aprendizagem dos indivíduos. O ato de ler não significa apenas saber algumas palavras, frases, codificar e decodificar palavras, “(...) não que a leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, com se lê-las e escrevê-las não implicasse outra leitura, prévia e concomitante àquela, mas a leitura da realidade mesma (...)” (Freire, 1983, p.25). Conforme a fala de Freire, o processo de leitura proporciona ao aluno a oportunidade de ampliar e aprimorar sua competência linguística e comunicativa, tornando-se uma pessoa crítica e analítica. No entanto, aprender a ler é um processo, mas também uma atividade social e cultural, essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimento. Afinal, segundo BENVENISTE (1995, p 58) “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”.

KLEIMAN (1995) discute a formação de leitores competentes que requer a utilização de textos de fatos usados socialmente e partindo de situações reais de leitura onde eles sejam levados a utilizar as estratégias de leitura, isso vai permitir que estes sejam capazes de controlar o que vai ser lido, as dificuldades de compreensão, de arriscar e assim buscar a comprovação de suas suposições.

Acreditamos que a dificuldade em se formar leitores competentes e autônomos trata-se do maior desafio no processo ensino aprendizagem, portanto, merece uma atenção especial de todos os educadores comprometidos com o sistema educacional do país, uma vez que a leitura propicia o desenvolvimento cultural, intelectual e social de todo cidadão.

O referido projeto tem como objetivo mediar situações de leitura prazerosas e descompromissadas com atividades escritas, o que geralmente não acontece na escola.

Considerando que essa realidade também faz parte do contexto educacional do município de Boqueirão- PB. Sentimos a necessidade de observar e acompanhar como se desenvolveu o projeto de leitura realizado por um dos professores da EJA (Educação de Jovens e Adultos) que leciona a disciplina Língua Portuguesa, com o gênero textual “conto” na turma noturna de 8º ano, na Escola Municipal do Ensino Fundamental Padre Inácio situada na zona urbana do município de Boqueirão-PB.

Por acreditarmos nas potencialidades desses alunos, ousamos inferir que a deficiência de leitura pode estar ligada a falta de oportunidades que, por dificuldades diversas, os impediram de escolarizarem-se em idade própria.

Diante dessa situação, observamos a intervenção do professor no desenvolvimento do projeto de leitura, o qual utilizou como meio pedagógico vários contos

dos(as) autores(os) como, Lygia Fagundes, Ana Maria Machado, Clarice Lispector Machado de Assis, Alcântara Machado, Lima Barreto, Artur Azevedo, entre outros.

Para realizar esta pesquisa, utilizamos como instrumentos cinco sessões de observação direta durante as aulas de leitura e tiveram como objetivo conhecermos os fundamentos teórico-metodológicos que embasam a prática educativa do professor, a qual orienta seu trabalho com o ensino da leitura no que se refere à formação de leitores competentes e autônomos, entrevistas semi-estruturada com o docente e discente, sendo que no num primeiro momento foi realizado com professores e em seguida com 26 alunos.

Ao entrevistarmos o professor tivemos como objetivo conhecer a concepção do mesmo acerca da leitura, a regularidade com que trabalha leitura em sala de aula, com que objetivos propõem atividades de leitura. Com os alunos, objetivamos conhecer a importância que os mesmos dão a essa atividade, se gostam de ler, com que frequência lê na escola, e fora dela, e como é proposta a leitura em sala aula.

Com a transcrição das entrevistas procuramos interpretar as fala dos sujeitos entrevistados com cautela. Para discutirmos essas questões, nos respaldamos nas teorias de aprendizagem da leitura de Kleiman (1998; 1995), Freire (1988), Solé (1998), Marcuschi (2002), Silva (2002), Gotlib (1998) Vygotsky (1994), Koch (2002) e Brasil (2000). Nesse contexto, discutimos a importância da leitura através do gênero textual “conto” e como este é utilizado ou não como instrumento motivador da leitura.

Este trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro capítulo, realizamos um resgate histórico da Educação de Jovens e Adultos e sua trajetória, perfil dos alunos e proposta curricular da EJA. Objetivando compreender o percurso histórico o perfil dos alunos e a proposta curricular indicado EJA. No segundo capítulo abordamos a leitura e o conhecimento prévio dos alunos da EJA e os gêneros textuais na leitura do jovem e do adulto, onde objetivando entender o universo de leitura dos alunos da EJA e as influências que os gêneros textuais trazem para o seu cotidiano.

E no terceiro capítulo intitulado por Reescrevendo a Prática apresentará os dados da pesquisa realizada com o professor de Língua Portuguesa os 26 alunos do 8º ano da escola em estudo, como também a análises e narração das observações realizadas em sala de aula, qual objetivando verificar com foi desenvolvido o trabalho com o gênero textual “Conto” como ferramenta estimuladora para o desenvolvimento do hábito de leitura nos alunos da EJA

Finalmente, expomos nossas considerações finais onde torceremos nossos comentários confrontado à teoria com a prática, como também faremos uma reflexão sobre a mediação pedagógica no ensino da leitura usando contos, sendo mais um olhar sobre o trabalho desenvolvido na Educação de Jovens e Adultos no município de Boqueirão-PB.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### CAPÍTULO I: RESGATE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: TRAJETÓRIA, PERFIL E PROPOSTA CURRICULAR

#### 1.1 Trajetória da Educação de Jovens e Adultos no Brasil

O Parâmetro Curricular Nacional de Educação de Jovens e Adultos PCN-EJA (2006) enfoca que a EJA o Brasil teve início com os Jesuítas, no período da colonização do Brasil. Os jesuítas com intuito de catequizar os adultos introduziram um trabalho educativo de ensinar as letras através da doutrina da igreja católica e dos costumes da Europa. Mas com a expulsão dos jesuítas, o ensino desmanchou-se e foi iniciado outras formas de educação de adultos que aconteceu no período imperial com a Constituição de 1824 a qual proporcionava o “direito a todos” os cidadãos o ensino primário gratuito, embora se limitava a elite que ocupava funções no império

Só por volta da década de 1930 é que a Educação de Jovens Adultos tomou seu espaço na história da educação brasileira. Por ser um período de transformações sociais e econômicas surgiu à necessidade de mão de obra qualificada nos centros urbanos, perante essa realidade o governo federal ofereceu ensino gratuito a todos os cidadãos, abriu escola noturna para que os alunos trabalhadores tivessem acesso.

O ensino era dado em curta duração. Pois, o interesse do governo era alfabetizar as camadas baixas, ensinando rapidamente ler e escrever, pois isso era suficiente para qualificar a mão de obra imprescindível.

Na década de 1940 a Educação de Jovens Adultos foi estendida para as escolas da zona rural como ensino formal, pois antes só existia na zona urbana. A partir da década de 1950 a educação de adultos tomou outros rumos, foi compreendida como a educação de base, que surgiu com o desenvolvimento comunitário dando origens às tendências da educação libertadora e conscientizadora, essa defendida na ideia de Paulo Freire que buscava um ensino de qualidade para todas as camadas sociais.

Com o golpe militar em 1964 os movimentos de educação e cultura popular foram interrompidos e os seguidores da educação libertadora foram reprimidos e exilados. Após esses golpes, o governo criou programas de alfabetização, como exemplo, o MOBRAL; tornando-os assistencialistas e conservadores para essa clientela.

Na década de 1980, com o processo de reestruturação da política pedagógica da EJA passou por transformações, com o fim do regime militar, retomando o processo de

democratização. Com extinção do MOBREAL, foi criada a Fundação do EDUCAR, com propósito de redemocratização, ampliação das atividades de EJA em defesa da escola pública e gratuita. A Constituição de 1988 trouxe avanços para EJA, como o Ensino Fundamental obrigatório e gratuito para todas as idades.

Já na década de 1990, a EJA perdeu espaço nas ações governamentais e com a extinção da Fundação EDUCAR e foi transferido à responsabilidade dessa modalidade para os Estados e Municípios.

Em 2003, o Governo Federal através do MEC criou a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, dando prioridade a Alfabetização de Jovens e Adultos cuja meta era erradicar o analfabetismo no Brasil. Para atingir essa meta foi lançado o Programa Brasil Alfabetizado, onde MEC atribuiu responsabilidade aos órgãos estaduais e municipais, instituições de ensino superior e organizações não governamentais a desenvolver ações de alfabetização.

E, finalmente, no ano de 2008 com a realização da VI CONFINTEA (2008), no Brasil, no estado do Pará, onde foi firmado compromisso e estimulado ações no que diz respeito à educação e aprendizagem dos adultos, os representantes dos Países convidados discutiram e adotaram um marco de ação, estratégias com indicação de políticas renovadoras, visando uma educação e aprendizagem de adultos em todas as regiões do mundo, com metas a serem alcançadas nas próximas décadas, integrando as organizações civil e governamental em prol de desenvolver proposta de radicação do analfabetismo.

Para acompanhar como estava sendo devolvidas as Políticas Públicas da Educação de Jovens no Brasil foi realizada na cidade de João Pessoa - Capital da Paraíba em 2010 o 1º CONGRESSO INTERNACIONAL DA CÁTEDRA UNESCO que objetivava a discutir e socializar as políticas pública desenvolvido na EJA.

## **1.2 Perfil do Aluno de EJA**

Conforme RIBEIRO (2001) a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ao longo dos anos vem se expandindo de forma espantosa conforme estatística, embora essas estatísticas não estejam disponíveis formas confiáveis. O que se percebe é que na escola essa modalidade de ensino vem absorvendo um público heterogêneo, com perfil que vem mudando em relação à idade, expectativas e comportamentos, pois se trata de um jovem ou adulto que historicamente vem sendo excluído, quer pelas condições de acesso à escolarização, quer pela exclusão da educação regular ou por ter que trabalhar.

Os alunos jovens, em muitos casos, ultrapassaram a idade estabelecida para estudar no horário regular, pois, sua trajetória escolar foi interrompida por sucessivas reprovações, e estes, por sua vez, não parecem fazer muita questão de "passarem de ano" isso na concepção de alguns alunos. Esses alunos foram excluídos da escola básica e são, portanto, levados a estudarem à noite, pois a estrutura escolar diurna não atende às necessidades do aluno trabalhador, nem as características cognitivas, emocionais e sociais peculiares do jovem e do adulto.

Por essa razão, sua trajetória escolar é marcada pelo insucesso e diversas tentativas de prosseguirem com a sua escolarização, são alunos que estão inseridos no mercado de trabalho, ou que ainda esperam nele ingressar; não visam apenas a certificação para manter sua situação profissional, mas esperam chegar ao ensino médio ou à universidade para ascender social e profissionalmente. Enfim, tiveram que romper barreiras preconceituosas, geralmente transpostas em função de um grande desejo de aprender. Conforme os PCN da EJA com (BRASIL, 2006 p. 05).

[...] Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o **ver** desses alunos, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vem para a sala de aula com um olhar que é por lado, um olhar receptivo, sensível e por outro um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga olhar que pensa.

Os alunos da EJA já responder pelos seus atos e palavras, além de assumirem responsabilidades diante dos desafios da vida. Eles quando chegam à escola, trazem consigo muitos conhecimentos, que podem não ser aqueles sistematizados pela escola, mas são “saberes nascidos dos seus fazeres” (BRASIL 2002 p. 29).

### **1.3 A Proposta Curricular para EJA**

A Proposta Curricular Nacional para Jovens e Adultos e os PCNs de Língua Portuguesa, trazem indicativos de como trabalhar os gêneros textuais na EJA, haja vista, que os gêneros possibilitam aos alunos desenvolver várias habilidades, como também valorizam a inserção de textos que circulam em seu meio social. Além dos textos literários, temos um grande número de textos que podem ser veiculados na sala de aula: cartas, receitas culinárias, jornalístico, panfletos ou texto elaborado pelo próprio aluno. Embora saibamos que é papel

do professor trabalhar as características dos diferentes gêneros, buscando textos que se adequam à realidade de seus alunos, já que se conta com uma quantidade maior de textos já elaborados. Diante dessa realidade, os PNCs de Língua Portuguesa (2006. P 54) reforçam que.

[...] a prática constante de leitura deve ser organizada em ambiente escolar em torno de uma diversidade de textos de autores representativos e de gêneros textuais orais e escritos de circulação social, viabilizando a formação de leitores competentes que compreendam o que leem, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, reconhecendo que vários sentidos podem se atribuídos e um mesmo texto e estabelecendo relações intertextuais.

Diante disso percebemos, então, que o trabalho com gênero textual propicia ao professor várias estratégias didáticas, oportunizando aos alunos construir uma aprendizagem sólida, sobre as diferentes linguagens existentes em seu meio social. O professor deve acolher as diversas formas de expressão dos alunos, haja vista, que os alunos de EJA já trazem uma forte bagagem cultural que se expressa no vocabulário regional, sotaques, modismos e variações linguísticas que caracterizam a linguagem oral. Portanto, é preciso lembrar que a linguagem oral possui uma natureza mais flexível e a escrita segue as normas ortográficas e gramaticais.

## **CAPÍTULO II: A LEITURA E O CONHECIMENTO PRÉVIO DOS ALUNOS DA EJA.**

### 2.1 A leitura para os alunos de EJA

A leitura é um dos elementos fundamentais no processo de aprendizagem dos indivíduos. O ato de ler não significa apenas saber algumas palavras, frases, codificar e decodificar palavras, pois “[...] não que a leitura de palavras e de sua escrita em si próprias, como se lê-las e escrevê-las não implicassem outra leitura, prévia e concomitantes àquela, mas a leitura da realidade mesma” (FREIRE,1988, p.25). Esse processo proporciona ao aluno a oportunidade de ampliar e aprimorar sua competência linguística e comunicativa para se adaptar á sociedade, tornando-se uma pessoa crítica e analítica. No entanto, aprender a ler é um processo, uma atividade social e cultural, essencial para a criação de vínculos entre cultura e conhecimento.

É comum, nas escolas , as pessoas sempre mencionarem que “não gostam de ler”. Essa frase pode estar relacionada à maneira sobre como se dá o processo de ensino da leitura na sala de aula. A leitura, muitas vezes, é apresentada ao aluno como forma de cumprir uma exigência do professor, que por sua vez, tem o objetivo de atribuir uma nota para a realização dessa atividade. Logo, vê-se claramente que a escola não se preocupa tanto com a formação de leitores, mas apenas com a formação de “letores”. Conforme VYGOSTSKY (1994), para o aluno aprender, é preciso que os conteúdos estejam de acordo com seu cotidiano, que haja interação e compreensão com o outro e com o meio em que vivem e, sobretudo, com o professor. Na visão deste autor podemos compreender que a ideia da mediação e da internalização são aspectos fundamentais para a aprendizagem, e que a construção do conhecimento ocorre a partir de intenso processo de interação entre as pessoas. Ainda nesse sentido, os PCNs BRASIL (2006, p.6) afirma que “ a ação-reflexão que produz conhecimentos é capaz de mudar o mundo e a nós mesmos. Vivenciamos esta experiência segundo nossos valores, aspirações e de acordo com nossas experiências anteriores”. Assim, percebemos que a construção de conhecimentos pode nos proporcionar transformações em nosso modo de ser, de nos comportar, relacionar, ver e compreender o mundo que nos cerca.

Nessa perspectiva, é de suma importância que o professor (a) valorize os saberes que o aluno traz consigo as conquistas e as pequenas vitórias de cada um deles. Pois os conhecimentos de uma pessoa que procura tardiamente a escola são inúmeros e adquiridos ao longo de sua história de vida. Segundo CERQUEIRA (2006), o saber se constitui a partir das

experiências e vivências do nosso cotidiano, e nossas aprendizagens primeiras acontecem em nossas relações familiares; somente mais tarde ingressamos na escola ampliando nossas relações sociais. A esses diferentes saberes a filosofia denomina como saber sensível e saber cotidiano e esse são originados das experiências de vida dos alunos e alunas de EJA.

No viés da leitura, não é válido falar em “ensinar” ou “aprender”, mas em “mediar”, “apresentar”, “auxiliar” e “instigar”, porque é assim que o indivíduo vê sentido na leitura. A escola é a grande porta-voz para promover às habilidades de leitura nos educando/a(s), as quais vão muito além de uma simples decodificação, para que se possa compreender o texto lido. Pois, como diz SOLÉ, (199 p.188 ) a leitura é um processo em que “[...]o leitor é um sujeito que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios”

Conforme Vygotsky (1994) os modelos cognitivistas, buscam propor maneiras em que o autor e o leitor devem construir juntos os sentidos do texto. É preciso ter em mente que o significado do texto não está, apenas, nele, depende também das condições de leitura e do leitor. Logo, o professor deve promover aulas dinâmicas, visando à preparação da aprendizagem da leitura com propostas inovadoras, valorizando as opiniões e gostos dos alunos. Com isso, o ato de ler perpassa a simples decodificação. Para KLEIMAN (1998 p.18)

[...] as práticas de leitura como decodificação não modificam em nada a visão de mundo do leitor, pois se trata apenas de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas em uma pergunta ou comentário.

A Prática de ensino aprendizagem da leitura na escola deve fazer com que o aluno aprenda o que ainda não sabe, pois, ler o mundo ele já sabe, ou seja, ele já traz um conhecimento prévio quando chega aos bancos escolares. Porém, desconhece a leitura da palavra, mas não é ensinando a palavra isolada que o indivíduo se apropria de forma eficiente da leitura. Portanto, a instituição escolar precisa ensinar ao aluno a forma adequada de usar a palavra, ou seja, a palavra deve ser refletida no seu contexto, pois ela pode transformá-lo, dar uma nova “roupagem” na consciência e na forma de refletir sobre a sua realidade e a maneira de agir sobre ela. Como afirma KOCH (2002 p. 160),

[...] a atividade de interpretação do texto deve sempre fundar-se na suposição de que o produtor tem determinadas intenções e de que uma compreensão adequada exige, justamente, a captação dessas intenções por parte de quem lê: é preciso compreender-se o querer dizer como um querer fazer.

Corroborando com o autor supracitado, KLEIMAN (1995, p.58), defende a posição de que,

[...] na compreensão textual estão envolvidos os seguintes tipos de conhecimento prévio: o conhecimento linguístico – conhecimento implícito produzido por nós enquanto falante nativo do português nas interações sociais -, conhecimento textual - conjunto de noções e conceitos sobre o texto e, conhecimento de mundo ou enciclopédico - os diversos conhecimentos que uma pessoa adquiriu no decorrer de sua vida. .

Partindo dessa discussão interativa o texto e o leitor tem uma relação interdependente, e, visto que o conhecimento prévio tem um papel relevante na construção de sentido textual, entendemos que o leitor tem uma participação ativa na interação com o texto, pois ele aciona seus conhecimentos prévios envolvendo todos esses saberes, saberes que servem de estratégias para a compreensão e produção textual.

## **2.2 Os gêneros textuais na leitura do jovem e do adulto**

Atualmente circula, na sociedade uma gama de diferentes textos que até então não eram bem explorados nas escolas, a estes denominamos de gêneros textuais. Eles, usualmente, fazem relação com as necessidades e atividades socioculturais existentes num dado momento histórico. É válido lembrar que essa nova modalidade não é, apenas, um modismo, mas uma maneira de enriquecer os estudos da linguagem. Assim, por exemplo, a sociedade criou e-mail, que hoje cumpre, em determinadas esferas, uma função antes atribuída às cartas. Colocar os alunos em contato com uma grande variedade de gêneros textuais, observando e analisando suas características específicas, é fundamental para a formação do leitor e produtor de textos competentes.

Segundo MARCUSCHI ( 2002 p.29) “os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano”. Incontestavelmente, dizemos, portanto, que a importância dos gêneros textuais na formação de leitores e escritores, é, sobretudo, um trabalho fundamental para ser desenvolvido em sala de aula, pois essa prática aumenta a bagagem cultural dos alunos como também contribuem para compreender que todos os textos foram feitos por alguém e que eles (alunos), escritores, usuários da língua escrita, também podem produzir textos com finalidades diversas e para leitores diversos.

Segundo GOTLIB (1998) o conto é o gênero literário mais moderno e com maior vitalidade por possuir uma narrativa em prosa curta e objetiva, causador de impacto e emoções, prendendo a atenção do leitor, o mesmo não se detém aos detalhes, ele é direto no contexto, por isso as pessoas nunca deixaram de contar, assim, a leitura propicia ao leitor uma concentração. Nesse sentido, o conto se diferencia do romance por não ser lido de um determinado ponto, há certa fluência de ideias que deve ser seguida até o final do texto para haver compreensão. Ainda de acordo com GOTLIB (1998 p; 23) “no conto, o autor é capaz de realizar a plenitude de sua intenção, seja ela qual for. Durante a hora da leitura atenta, a alma do leitor está sob o controle do escritor. Não há nenhuma influência externa ou interna que resulte de cansaço ou interrupção.”. Por isso, a atenção e o interesse são fatores predominantes na leitura de contos.

Assim, o ‘conto’ constitui-se como uma das estratégias fundamentais na organização do discurso e dos conhecimentos, já que, pela sua própria natureza, exige uma participação ativa do leitor, permitindo-lhe a reflexão, o confronto, a revisão e o repensar das opiniões expressas pelo autor do texto. Ao contar ou ouvir contos, o jovem e os adultos entram em harmonia com texto deixando envolver-se na narrativa.

Para CORTÁZAR (2006, p. 153) “Um conto é significativo quando quebra seus próprios limites com essa explosão de energia espiritual que ilumina bruscamente algo que vai muito além da pequena e às vezes miserável história que conta”. Isso quer dizer que a leitura de contos nos leva a percorrer longos caminhos, amplia o nossos conhecimentos, buscam aprimorar nossa capacidade de refletir, de pensar de agir e de aprender. Diante deste contexto somos capazes de construir uma sociedade letrada, pois segundo Lajolo (2000, p. 95) “[...]a capacidade de leitura, isto é, a capacidade de atribuir sentido ao que vem escrito nos livros, favorece aquela outra leitura, agora com sentido metafórico: a leitura do mundo”.

### **CAPITULO III: REESCREVENDO A PRÁTICA**

Após os dados coletados, passamos para a discussão dos mesmos tendo como respaldo teórico a revisão de literatura apresentada no tópico anterior. Como já afirmamos anteriormente, para realizar a pesquisa utilizamos como instrumentos de coleta de dados a observação direta das aulas, nas quais o foco era a prática da leitura e a entrevista semi-estruturada com o docente e os discentes. (Conforme pode ser visto no apêndice de nº 1 e 2.) Iniciaremos nossa discussão analisando, à luz da pesquisa qualitativa e quantitativa das entrevistas realizadas com o docente e os discentes. Em seguida, discutiremos as observações realizadas, a fim de fazermos uma concatenização entre o discurso e a prática do professor.

#### **3.1- - Análises da entrevista realizada com o professor**

O primeiro questionamento feito ao professor foi em relação: à importância da leitura no processo de ensino aprendizagem dos alunos de EJA. Segundo ele: “Ler é um dos fatores fundamentais no processo de ensino aprendizagem dos indivíduos, pois quem ler tem oportunidade de aprender mais e crescer profissionalmente.”

Diante disso pudemos compreender que na visão do professor a leitura é entendida como um dos elementos básicos para a formação do indivíduo, pois é através dela que o sujeito adquire novos conhecimentos e assim pode desenvolver-se também em nível profissional. É possível perceber que o professor vê a leitura como um caminho que pode levar o sujeito a ter uma profissão.

Quando questionamos o professor acerca de como ele desenvolve a prática de leitura em sala de aula com seus alunos de EJA, a resposta foi a seguinte:

Com diversos tipos de textos, procuro escolher aqueles textos que tratam de algo significativo para a faixa etária deles, principalmente aqueles que retratam o cotidiano, como por exemplo: contos, notícias de jornais, crônicas, receitas e relatos de experiência, percebo que com esses tipos de textos os alunos sentem-se atraídos em ouvir e lê-los. (Professor)

Analisando a resposta do professor, pudemos perceber que o mesmo diz utilizar vários gêneros textuais na sala de aula, tendo o cuidado de escolher àqueles que mais chamam a atenção e o interesse dos alunos, entretanto, não deixa claro como foi estimulado essa leitura e que tipo de intervenção ele fez, se pediu alguma atividade após a leitura etc.

Sabemos que trabalhar com diversos gêneros em sala de aula é de fundamental importância, pois eles dão ao leitor diversas possibilidades de compreender o mundo que o

cerca, como afirma BAZERMAN (2006 p. 106) “[...] cada pessoa, através da comunicação por gêneros textuais, aprende mais sobre suas possibilidades pessoais, desenvolve habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando”.

Perante o exposto podemos perceber que o trabalho com gêneros propicia aos alunos um envolvimento concreto em situações reais de uso da linguagem, de maneira que possam escolher meios adequados para alcançar os fins que se almeja na leitura com os gêneros textuais. Assim, cada aluno se torna apto a participar ativamente do processo de aquisição das estratégias de leitura e inserir, efetivamente, nesse “mundo” se tornando leitores competentes.

Também indagamos o professor sobre seus objetivos quando desenvolve as práticas de leitura em sala de aula. O professor respondeu:

Meu objetivo é desenvolver a leitura proficiente com os meus alunos de EJA. É torná-los leitores, atuantes, mas para que isso venha acontecer tenho que usar estratégias que os levem a se sentirem livres para ler, por isso, procuro motivá-los através de leituras diárias; muitas delas são realizadas por mim. Levo para sala de aula vários textos, principalmente aqueles que estejam relacionados ao cotidiano dos alunos, e com isso procuram despertar o interesse pela leitura nas aulas, de forma livre( professor)

A partir da resposta dada podemos inferir que o professor parece ter uma preocupação em formar leitores proficientes e, para isso, faz uso de diversos gêneros textuais aproximando esses textos da realidade dos alunos. Sabemos que desenvolver uma rotina de leitura diária onde o professor ler para os alunos e os próprios alunos leem para o professor e para os colegas é uma prática interessante uma vez que o professor é sempre modelo, nesse caso, modelo de leitor, no qual os alunos sempre buscam se inspirar.

É importante que o professor sempre promova momentos que levem os alunos a compreender que a leitura está inserida no seu cotidiano, desta forma, ele estará incentivando os alunos a mobilizarem suas capacidades para o ato de ler o que está ao seu redor, através dos textos verbais e não verbais com quais eles possam ter contato direto e que estes sejam significativos para a leitura e compreensão da realidade na qual estão inseridos.

Perguntamos ao professor com que frequência ele trabalha a leitura em sala de aula. O professor nos respondeu da seguinte forma:

A leitura é realizada frequentemente em sala de aula, ou seja, em todas as minhas aulas trago um texto para ser lido juntamente com eles, com isso pretendo deixá-los informados, e aos poucos estimulá-los à prática de leitura, para que eles, futuramente, desenvolvam o hábito de ler espontaneamente. Além disso, sempre levo meus alunos à biblioteca, uma ou duas vezes por semana, porque estou motivando-os a leitura espontânea. Pois acredito que todo o professor deveria provocar nos alunos a ato de ler espontâneo, se cada um dos professores tivesse essa iniciativa de ler em sala, estimulando os alunos, não teríamos tantas reprovações. (professor)

Na fala do professor a leitura em sala de aula acontece cotidianamente. Esse fato foi constatado **in locos**, isto é, a leitura em alguns momentos era desenvolvida pelo próprio professor sem fins didático, tanto é que no dia em que o professor não procedeu com a leitura, sua rotina diária, os alunos perceberam e cobraram esta prática. Quando questionei ao professor porque ele se portava como contador de histórias, ele disse que “seu objetivo maior era despertar nos alunos o hábito de ler, ou seja, provocá-los para ingressarem no mundo da leitura de forma espontânea”.

Essa prática demonstra que o professor parece ter consciência da importância do ato ler, pois acredita que é através da leitura que o ser humano conhece seus valores como cidadão e torna-se capaz de perceber que faz parte desse universo de leitores. Para isso, é preciso que o professor exerça sua função de leitor para que os alunos possam fazer parte desse grupo de leitores e que sejam capazes de refletirem e tomarem consciência de que podem construir perspectivas de uma realidade mais promissora com mais informação e conhecimento.

Além disso, a fala do professor nos mostra que a escola tem espaço para leitura espontânea. Sabemos que é preciso que o professor proporcione esses momentos sem fins didáticos, pois conforme Ribeiro (1994) a biblioteca escolar ainda é um espaço que auxilia os alunos e professores na formação de leitores. De acordo com essa autora a biblioteca,

[...] possui as funções educativa e cultural. A primeira auxilia a ação do aluno e a do professor e, a segunda complementa a educação formal, ao oferecer possibilidades de leitura, colaborando para que os alunos ampliem os conhecimentos e as ideias acerca do mundo, além de incentivar o gosto pela leitura na comunidade escolar [...] (RIBEIRO, 1994 p.61).

Em seguida perguntamos ao professor porque escolheu desenvolver esse projeto com o gênero conto. O mesmo respondeu

Escolhi desenvolver um projeto de leitura com o gênero textual conto, por ser um gênero de leitura curta e direta; em sua maioria trata-se de histórias que retratam da vida, com títulos atrativos, mesmo sendo histórias fictícias atraem os alunos para a leitura.

A resposta do professor dialoga com SILVA (2005 p. 93) quando diz que,

[...] a leitura de contos pode estimular o aluno-leitor a encontrar, na leitura literária, uma forma lúdica de entender melhor sua própria realidade. Ao ler narrativas curtas, que exijam uma resposta mais rápida e dinâmica do receptor, o aluno pode se sentir mais atraído pelo texto [...]

Percebemos que o professor parece ter uma preocupação bastante acentuada em desenvolver nos alunos as habilidades próprias de leitores autônomos que leem por prazer e

por exigência da sociedade. A escolha pelo gênero “Conto” para trabalhar em um projeto de leitura demonstra que o professor está preocupado em buscar textos que prendam a atenção dos alunos para a leitura por compreender que esse gênero apresenta características que pode levá-los a se sentirem atraídos, haja vista, que o mesmo apresenta narrativa curta e isso é um dos requisitos importante para prender a atenção de leitores que estão em processo de desenvolvimento.

Por fim, perguntamos ao professor quais os contos mais trabalhados no projeto e por quais os alunos demonstraram maior interesse. O professor assim respondeu:

Primeiramente fiz um levantamento na biblioteca da escola para conhecer os contos que tinham maior número de exemplares. Foram selecionados seguindo alguns critérios tais como: título daqueles que chamassem atenção, número de página e o nome dos autores. Também me preocupei em escolher contos que tivessem uma relação com a vida dos alunos, ou que fossem engraçados. Separei-os em uma só estante na biblioteca. Os contos selecionados foram: O primeiro beijo, Resto do carnaval e Uma galinha de Clarice Lispector; - Apólogo brasileiro e o Sem véu de alegoria de Alcântara Machado; - Carta de um defunto rico e O homem que sabia javanês de Lima Barreto; - Conto de escola, Missa do galo e A cartomante de Machado de Assis; - De cima para baixo de Artur Azevedo; - Dois velhinhos e o Uma vela para o diabo de Dalton Trevisan; Venha ver o por do sol de Lygia Fagundes; e a Coletânea: Quem conta um conto: - O Beijos mágicos de Ana Maria Machado; - Marco e Apolo de Cristina Porto; - A mãe da menina e a menina da mãe de Flávio de Souza; - O piquenique do Catapimba de Ruth Rocha; - O bisavô e a dentadura de Sylvia Orthof. Os alunos gostaram muito dos contos mais se interessaram mais por Carta de um defunto rico de Lima Barreto; Uma vela para o diabo de Dalton Trevisan e a O bisavô e a dentadura de Sylvia Orthof, os quais foram lidos mais de uma vez pelos alunos. (professor)

Com base na fala do professor, a escolha do gênero “conto” surgiu como estratégia para que levasse os alunos à prática da leitura, pois os contos apresentam texto narrativo curto, com um só drama e poucos personagens, onde geralmente as histórias se voltam para um único personagem. Como toda narrativa, o conto precisa de um conflito, que proporcione início, meio e fim, normalmente exigido na prosa. Dessa forma podemos dizer que o conto possibilita um trabalho mais amplo, onde o aluno pode realizar uma leitura crítica. Conforme SOARES, (2006 p 29 )

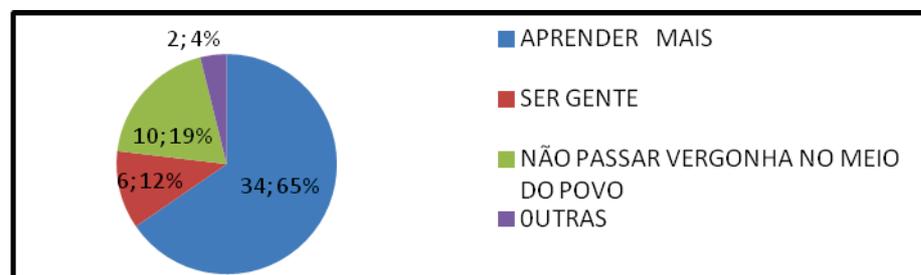
O Conto é a forma narrativa, em prosa, escrita de forma concisa e breve, que apresenta unidade dramática, cuja ação concentra-se em único ponto de interesse. Possui número reduzido de personagens e todos participam da ação, envolta em apenas um foco temático.

### 3.2- - Análises das entrevistas realizadas com os alunos

A entrevista com os 26 alunos aconteceram nos intervalos das aulas, de forma dialogada. Isso foi possível devido à boa relação estabelecida com eles no período de observações das aulas de leitura.

Iniciamos a conversa fazendo a primeira pergunta: Qual a importância da leitura para sua ascensão profissional ou pessoal? Dos 26 alunos entrevistados, 34,65% disseram que a leitura é importante porque através dela eles aprenderem mais. 10,19% afirmaram que a leitura é importante porque quem sabe ler não passa vergonha e 6,12% afirmaram que a leitura é importante porque através dela eles conseguem ser gente. E ainda 2,4% (denominado por outras ) disseram que como a leitura é importante porque através dela podemos: (adquiridos conhecimentos, nos divertir, ler bem, nos levam a outros lugares, etc) como demonstra o gráfico abaixo.

Gráfico 1: Qual a importância da leitura para sua ascensão profissional ou pessoal ?

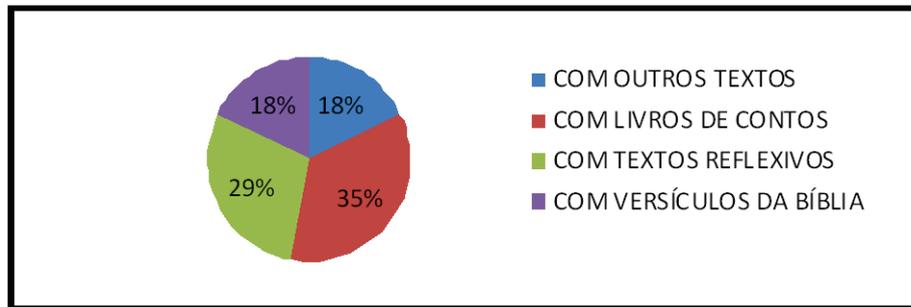


Os discursos dos alunos entrevistados demonstram que eles compreendem a leitura como uma necessidade social, ou seja, como uma habilidade que possibilita aprender mais, não passar vergonha em situações de uso social da leitura e até mesmo ser reconhecido como “gente”. Sabemos que nessa sociedade letrada, quem sabe ler exerce funções de destaque. Conforme os PCNs língua portuguesa BRASIL (2006, p. 05). “A leitura e a escrita são muito importantes para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade com cidadania, se informar e aprender coisas novas ao longo de toda a vida”. Entretanto, a leitura ainda é um processo em construção e reconstrução na prática e na constituição da aprendizagem.

Quando questionamos os alunos acerca de como é proposta a prática de leitura em sala de aula, como demonstra o gráfico abaixo, 35% afirmaram que o professor propõe

leituras de livros de contos, 29% disse que a leitura proposta é a partir de textos reflexivos e 18% disse ler textos diversos e versículos da bíblia.

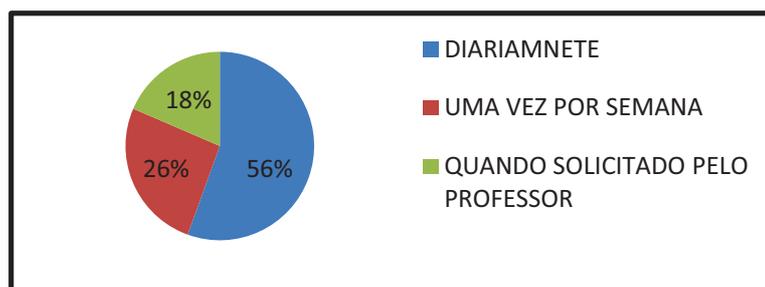
Gráfico 2 Como é proposta a prática de leitura em sala de aula?



Diante dos dados apresentados podemos constatar que o professor procura diversificar a prática de leitura em sala de aula, pois utiliza vários gêneros oportunizando aos alunos se familiarizarem com o amplo universo da leitura.

O terceiro questionamento feito aos alunos foi em relação à frequência com que eles leem na escola. 56% respondeu que ler diariamente; 26% disse que ler uma vez por semana e apenas 18% dos alunos afirmaram que só liam quando era solicitados pelo professor para realizarem as tarefas.

Gráfico 3: Com que frequência você lê na escola?



Diante dessa informação podemos constatar que a prática de leitura está sendo desenvolvida no âmbito da escola, de forma regular. A prática de leitura frequente é um dos fatores determinantes para que os alunos criem o hábito da leitura. Desse modo a escola é tida como o espaço em que o indivíduo vai adquirindo conhecimentos, sendo estes integrantes da cultura que circula dentro da sociedade, lugar onde esta é reformulada, seja como saberes populares, denominada como senso comum, e os saberes científicos, tendo em mente que

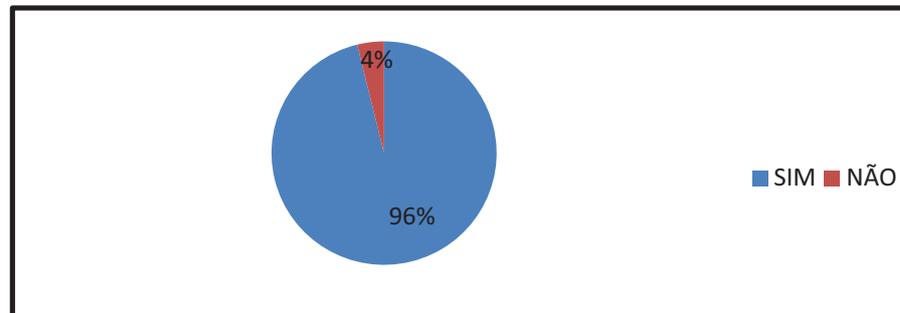
esses dois ramos do saber dependem um do outro, isto é, possuem uma relação dialética. Conforme FRANZ (2001 p.21):

A escola tem, portanto, um compromisso maior que é propiciar ao sujeito o desenvolvimento de sua capacidade de leitura do mundo. Assim, uma educação que se queira libertadora, humanizante e transformadora passa, necessariamente, pelo caminho da leitura. Da mesma forma, na organização de uma sociedade mais justa e democrática, que vise a ampliar as oportunidades de acesso ao saber, não se pode desconhecer a importante contribuição política da leitura.

Portanto, numa sociedade letrada, cabe à escola o papel de ensinar o sujeito a ler e escrever com competência, formando cidadãos conscientes e críticos. Deve-se tornar tão somente um polo cultural na qual o conhecimento sistematizado possa ser adquirido pela sociedade e deve estar vinculado à realidade, proporcionando ao indivíduo um leque de possibilidades de atuação no mundo em que vive.

Também perguntamos aos alunos se eles já visitaram a biblioteca. Conforme o gráfico abaixo 96% afirmaram já ter frequentado a biblioteca e apenas 4% disseram que não.

Gráfico 4: Você já visitou a biblioteca?



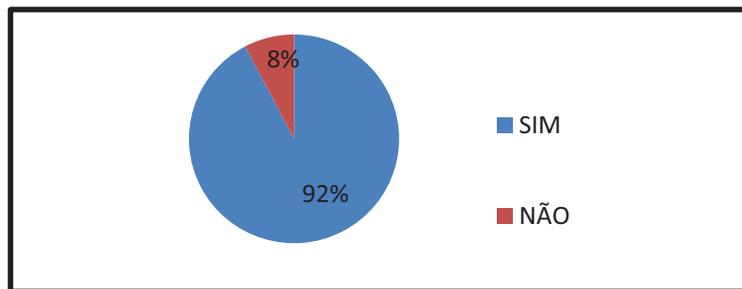
Esse dado nos mostra que há uma convergência entre a fala dos alunos e a do professor quando estes afirmaram que desenvolver atividades de leitura na biblioteca. Sabemos da importância desse espaço para o trabalho com a leitura, muito embora algumas instituições de ensino, pela forma como se apresentam, parecem ter a concepção de que a biblioteca é um espaço que serve para armazenar livros ou punir os alunos indisciplinados, deixando-os na biblioteca, fazendo uma atividade de leitura obrigatória como forma de castigo.

Segundo AMATO E GARCIA (1998, p. 13)

A biblioteca é vista muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura; um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados, ou ainda, de disseminação da informação. Por sua vez, o bibliotecário é visto como um elemento que executa tarefas meramente técnicas e a sua formação pedagógica, cultural e social é deixado de lado.

Quando questionamos os alunos se eles conhecem alguns gêneros textuais, 92% dos alunos entrevistados disseram que sim, isso reforça que o professor executam atividades de leitura com vários gêneros textuais em sala de aula.

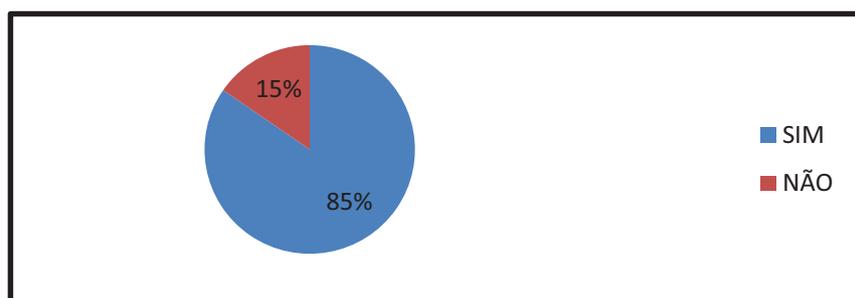
Gráfico 5: Você conhece alguns gêneros textuais?



Os dados apresentados comprovam o que o professor nos afirmou em sua entrevista, que busca trabalhar com diversos gêneros a fim de promover o gosto pela leitura e despertar o interesse dos alunos, bem como formá-los enquanto leitores proficientes.

Continuando nossa pesquisa perguntamos Você já leu algum conto? Nessa pergunta 85% dos alunos afirmaram já ter lido, principalmente agora que estão trabalhando com o projeto de leitura, e 15% disseram que não. Estes podem ser apontados como aqueles alunos faltosos ou ainda aqueles que não se envolvem nas atividades propostas.

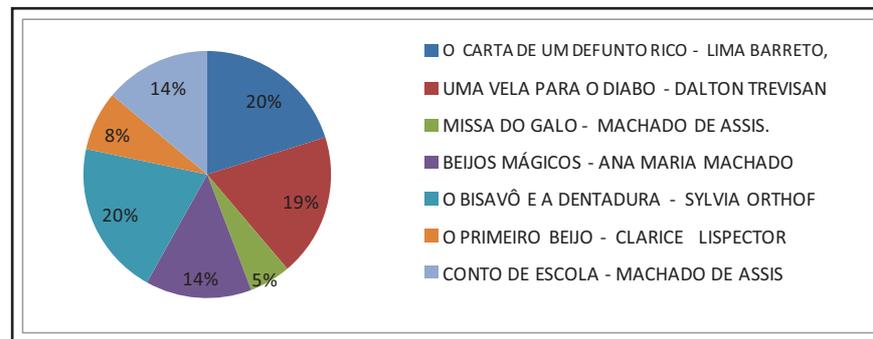
Gráfico 6: Você já leu algum conto?



Percebemos com esses dados que a maioria da turma já vivenciou experiências de leitura com contos, demonstrando assim que o projeto desenvolvido pelo professor alcançou à maioria dos alunos, no tocante a leitura desse gênero.

Por fim, questionamos os alunos acerca dos contos que eles leram no decorrer do projeto. Conforme o gráfico os contos mais lidos foram “A carta de um defunto rico” de Lima Barreto e a “Bisavó e a dentadura” de Sylvia Orthof, ambos com 20% e em terceiro lugar com 19% o conto “Uma vela para o diabo” de Dalton Trevisan.

Gráfico 7: Quais os contos que você leu no decorrer do projeto?



De acordo com os dados acima podemos perceber que os alunos destacaram três contos que foram mais lidos. Segundo os entrevistados a escolha por esses contos se deu pelo fato de os mesmos terem um título chamativo. Conforme depoimento: “Primeiro porque o título despertou curiosidade e segundo porque são contos engraçados e bons de ler”. Essa resposta foi unânime. Isso nos revela que temas atrativos levam os alunos a sentirem vontade de ler, pois prendem a atenção dos mesmos. Como resalta CAGLIARI (1992 p. 148)

O melhor que a escola tem a oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura, e se ainda temos essa realidade de professores que não incentivam a leitura a escola está deixando a desejar em seu papel de formadora de leitores.

### 3.3. Narrativas das observações

A observação é um dos instrumentos utilizados pelos pesquisadores para construir uma imagem da prática vivenciada por um sujeito. Em nosso caso, usamos a observação para registrar a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa da Escola Municipal Padre Antonio Palmeira, no 8º ano da EJA, no desenvolvimento do projeto de leitura com o gênero “Contos” em sala de aula. Foram realizadas cinco seções de observação, além de várias visitas às salas de aula.

Na primeira visita fui apresentada à turma pelo professor, em seguida apresentei meus objetivos com relação às observações que iria realizar na referida sala. Nesse momento, o professor falava sobre o gênero textual conto, em virtude do projeto de leitura. Após a discussão, o professor convidou os alunos a visitarem a biblioteca da escola e continuar a aula naquele ambiente.

Na biblioteca, os alunos começaram a olhar os livros nas estantes. Ouvíamos expressões como: “Que tantos livros! Será que um dia vou ter que ler tudo isso?” Outros pegaram os livros que estavam sobre a mesa, manusearam e leram os títulos das histórias e até riram com os títulos como por exemplo, O bisavô e a dentadura, Missa do galo, Carta de um defunto rico, Uma vela para o diabo e Beijos mágicos, entre outros. Vale salientar que os que estavam sobre a mesa foram os escolhidos, previamente, pelo professor, conforme as imagem abaixo:

Imagem 01



Na segunda visita, o professor retornou à biblioteca com seus alunos, onde eles continuaram manuseando, e alguns já foram escolhendo para ler de forma espontânea, observei também que eles agrupavam-se para ler e sempre procuravam livros com poucas páginas cujos títulos estavam relacionados a algo do cotidiano. Observei também o comportamento de um deles ao perguntar ao professor se poderia levar um dos livros para ler em casa nas horas vagas. Logo o professor respondeu que os livros são de uso irrestrito a todos da escola e que podem ser lidos em casa. Nesse momento, três alunos escolheram um livro para ler em grupo. Abaixo, imagem ilustrando o momento:

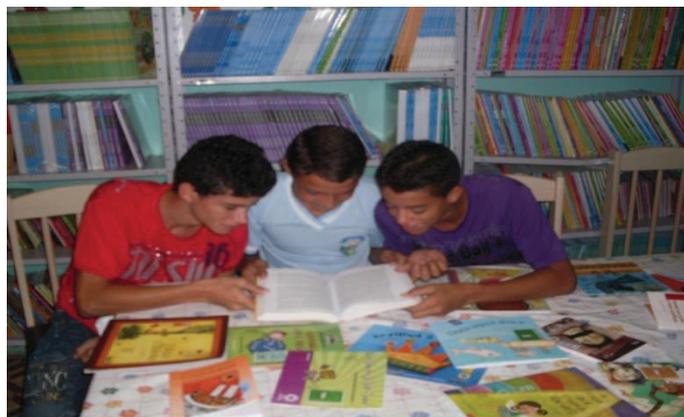


Imagem 02

Após esse momento, os alunos que estavam agrupados selecionaram um dos títulos para lerem em casa: “Uma vela para o diabo”, “A bisavó e a dentadura” e “Carta de um defunto rico”.

Já no terceiro dia de observação na sala de aula, o professor iniciou sua aula lendo um conto “A velha contrabandista de Stanislaw Ponte Preta”. Logo após quis saber se a leitura lhes era familiar. Um dos alunos respondeu que já havia lido, pois esse conto se encontra no livro de português. Em seguida ele questionou como se sentiram ao chegar à biblioteca e ver tantos livros, neste momento a maioria dos alunos disse que foi “uma excelente visita, pois tiveram a oportunidade de ver tantos livros que poderiam ser lidos”. Já os que levaram os livros para ler em casa disseram que já tinham começado a ler no mesmo dia, pois estavam muito curiosos para saber se o conto Uma vela para o diabo tratava-se de uma “história verdadeira”. Após os depoimentos dos alunos o professor sugeriu que eles escolhessem uma das histórias do seu livro de português para ler. Poderia ser a mesma lida, por ele, anteriormente. Diante desta atitude observei que o professor, de certa forma, não impulsiona a leitura para realização de meras atividades didáticas. Assim, compreendemos que essa prática de leitura, está sendo executada pelo professor pelo fato do mesmo está desenvolvendo um trabalho com a leitura de contos para despertar nos alunos o gosto pela leitura espontânea.

No quarto dia de observação, o professor iniciou a aula com o conto “A Igreja do rei de Figueiredo Pimentel”. O professor desenvolveu uma “chuva de ideias” refletindo, em conjunto, sobre o texto lido. Em seguida, alguns alunos comentaram sobre os contos lidos em casa. Enquanto, isso, observamos que os alunos que não tinham lido nenhum conto, sentiram-se atraídos a ler os contos comentados pelos outros. Depois do comentário, o professor disponibilizou vários contos para que eles escolhessem, lessem e comentassem em pequenos grupos. Observei também que os contos levados pelo o professor para a sala de aula eram com narrativas curtas e histórias engraçadas ou que tinha relação com a vida dos alunos. Depois da leitura dos contos, eles fizeram comentários. Diante disso, alguns alunos fizeram questão de ler partes do texto que lhes chamaram a atenção. Então pude perceber que os alunos já sentem necessidade de ler, não só para cumprir uma atividade didática, mas também estão construindo uma consciência e o prazer pela leitura com objetivos diversos. Conforme imagem abaixo com alunos lendo.



Imagem 03

Finalmente, no quinto dia de observação, o professor antes de fazer a leitura diária, como de costume, perguntou se alguém queria ler. Um dos alunos se disponibilizou a ler o texto Mensagem do velho ao moço (autor desconhecido). Ao término da leitura, o professor parabenizou o aluno e motivou os demais alunos a essa mesma prática, em seguida convidou a todos para irem à biblioteca. Lá se depararam com vários livros sobre a mesa, alguns se debruçaram para ler e outros folheavam ou liam em grupos. Nesse momento observei que muitos alunos se prendiam na leitura, outros, conforme imagem abaixo, apenas folheando os livros.



Imagem 04

Por fim, durante esse período de observação pude constatar que o professor tem um bom relacionamento com os alunos; é bastante carismático. Os alunos demonstraram ter um grande apreço por ele. Essa relação de interação, de empatia é indispensável para o desenvolvimento da aprendizagem em sala de aula, uma vez que todos se percebem como sujeitos da sua própria história, enquanto o professor estar sempre atento para atender as necessidades do grupo, e de cada um individualmente.



Imagem 05

Com relação à prática pedagógica de sala de aula, o professor demonstrou que estava entusiasmado no desenvolvimento do projeto de leitura. Isso foi verificado *in locos* no período de observação em que estratégias de leitura estavam sendo trabalhadas pelo professor e alunos. Nesse período vivenciamos vários momentos de leitura em sala de aula, tanto por parte do professor quanto por parte dos alunos.

Constatamos também, ao longo da observação que a prática de leitura com contos estava estimulando os alunos a construírem o hábito de ler, embora de forma lenta, mas significativa, pois uma boa parte dos alunos estava lendo contos.

Outro fato que observamos é que antes de iniciar as atividades de leitura o professor se preocupava em perguntar aos alunos se eles estavam lendo fora da escola; se tinham realizado outras leituras. Verificamos também que o professor sempre registra no seu diário de classe, o nome dos livros que os alunos estavam lendo ou que já leram.

#### 3.4. Análises das observações

Tendo como base as observações realizadas na sala de aula durante os cinco encontros, podemos dizer que foi significativo para observar a prática do professor no processo de ensino, o qual estava desenvolvendo um trabalho de leitura com seus alunos de EJA, com intuito de construir junto aos mesmos o desejo pela leitura espontânea. Segundo PRAZERES (2008, p.38), “O aluno de EJA já tem uma grande bagagem no que diz respeito ao conhecimento prévio; cabe, portanto, ao professor sistematizar esse conhecimento num processo lógico e de entendimento, para aquele responder às demandas da sociedade.”

O professor se preocupou em sistematizar os conhecimentos dos alunos, utilizando metodologias que atendam as necessidades dos mesmos. Como instrumento motivador ele

trabalhou a leitura de “Conto” por apresentar características que atendessem as necessidades e as limitações dos referidos alunos, principalmente por ser um gênero que apresenta narrativa curta e direta.

Diante disso, foi possível perceber o empenho do professor em desenvolver esse trabalho, pois teve a preocupação de trabalhar com estratégias de leitura (SOLÉ, 1998) que fossem aulas dinâmicas, contextualizadas; que faz a intertextualidade e, acima de tudo, respeita os saberes dos alunos construídos no cotidiano da vida social.

Finalmente, outro acontecimento que detectamos na observação foi o cuidado do professor em organizar espaços na biblioteca distribuindo de forma estratégica os livros de contos; estabeleceu critérios para selecionar exemplares de poucas páginas e temas atrativos, com o intuito de fazer com que os alunos estabelecessem relações entre o conteúdo do livro e acontecimentos da realidade na qual estão inseridos.

Acredito que essa prática de leitura que o professor vem buscando desenvolver na escola com esses alunos de EJA, que já são excluídos socialmente, pode gerar frutos bastante positivos uma vez que promover situações onde os alunos leiam por prazer e não para cumprir uma atividade escrita é um dos caminhos que pode levá-los a tornarem-se leitores que sentem prazer em realizar tal atividade (ler).

### 3- CONSIDERAÇÕES.

A influência do mundo moderno está deixando algumas lacunas no processo de aquisição da leitura, pois há vários meios que levam o indivíduo a deixar de ler, porque os vídeos trazem facilidade de resumos e são atrativos, ou seja, é mais cômodo assistir do que se “debruçar em cima do livro”. Embora compreendamos que a leitura é um dos meios importantes para a aquisição do conhecimento, pois, possibilita a construção e o fortalecimento de ideias e ações. Conforme KRIEGL (2002, p.49) [...] é que ninguém se torna leitor por um ato de obediência, ninguém nasce gostando de leitura. A influência dos adultos como referência é bastante importante na medida em que são vistos lendo ou escrevendo. Na sociedade atual a leitura tornou-se instrumentos que possibilita a construção e reconstrução de novos conhecimentos nos seres humanos resgatando-os para o mundo dos ‘letrados’.

A aprendizagem deve relacionar-se à formação integral do educando. Ler não significa apenas decodificar sinais, mas compreender os sentidos; interagir; construir significados; aprimorar a capacidade de reflexão; ter visão ampla, profunda, e crítica de textos verbais e não-verbais. Segundo SILVA (2002 p. 96).

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não-significativas e irrelevantes .

Ler significa ser capaz de entender as entrelinhas, preencher os vazios do texto posicionar-se argumentativamente, resolver situações problemas, estabelecer relação dialógica entre o texto e o contexto e, ainda, ter consciência, autonomia e visão crítica do mundo.

Sabemos que os gêneros textuais possibilitam o contato direto dos alunos com as várias modalidades de textos proporcionando novos conhecimentos e interação, além de permitir a estes a compreensão do sistema linguístico de sua língua e das variações linguísticas. Entretanto é preciso entender que os gêneros textuais já fazem parte do cotidiano desses alunos, no qual eles já fazem uso antes de adquirir o conhecimento formal. Por isso ele se torna uma vivência prática relevante em sua vida.

Pelo exposto e, considerando a análise feita dos dados coletado nesta pesquisa foi possível constatar que, o projeto de leitura desenvolvido com o gênero textual “Conto” foi

bastante significativo para aqueles alunos que são sujeitos advindos de uma camada da população desfavorecida e que veem a escola como uma segunda chance de emergir dessa condição de pobreza em que se encontram.

Ao propor um trabalho de leitura a partir de contos que se caracteriza como sendo um texto que apresenta narrativa curta e geralmente trata de temas que atraem a atenção dos alunos para a leitura, o professor demonstrou preocupação com a formação de seus alunos enquanto leitores, selecionando textos que os mesmos, certamente, gostariam de ler.

Outro fator importante nesse processo de formação de leitores diz respeito ao fato de o professor se colocar para os alunos como modelo de leitor, trazendo sempre para a sala de aula textos para compartilhar com eles, buscando nesse trabalho envolvê-los no mundo da leitura de forma prazerosa.

Durante a pesquisa foi possível perceber que a visita à biblioteca como estratégia de provocar nos alunos o interesse em folhear um livro ou até mesmo lê-lo é uma maneira bastante interessante de trabalhar a leitura descompromissada de atividades de escrita. Sabemos que, um primeiro passo, para formar leitores proficientes é colocá-los em contato com a leitura e, a biblioteca é um dos lugares mais indicados para alcançar esse objetivo. Além de possibilitar aos alunos desconstruir a ideia de que a biblioteca é um lugar que serve apenas para guardar livros velhos que estão em desuso.

Por fim, apenas a partir desta pesquisa, não se pode constatar que os alunos tornaram-se leitores proficientes, mesmo porque essa formação não se dá em apenas algumas semanas ou meses, mas ela é fruto de uma vida longa em contato com a leitura e com estímulos que provoque no leitor principiante o interesse em ler. Mesmo assim, foi possível perceber que, durante a execução do projeto, os alunos demonstraram interesse em ler os contos propostos e os escolhidos por eles. Alguns contos foram lidos mais de uma vez pelos alunos em virtude da trama ser atraente para eles.

Esse interesse pela leitura de um gênero específico, no caso em apreço, o ‘conto’, já pode ser um indicativo para o professor avaliar o alcance do seu objetivo. O trabalho voltado para a formação de leitores proficientes é um processo permanente e sistemático de sala de aula. A pesquisa indica que o projeto, desenvolvido pelo professor, fomentou uma prática educativa escolar com o objetivo de estimular os alunos a apreciarem a leitura sob diferentes aspectos, concatenando à sua realidade, e compreendendo a diversidade textual e as várias linguagens..

Diante das limitações do trabalho realizado com o “gênero conto” pelo professor, foi possível constatar que há outros gêneros que podem servir como instrumentos motivadores

para o desenvolvimento da leitura, levando os leitores a serem proficientes, muito embora sabemos que desenvolver um trabalho de leitura em sala de aula não se pode limitar-se somente a gêneros, pois há uma imensidade de instrumentos em nosso meio que pode levar o aluno a ler cotidianamente.

Finalmente, propomos aos novos pesquisadores que ampliem suas pesquisas no âmbito da leitura com propósito de descobrir outros meios que levem os professores a desenvolverem uma prática centrada na motivação e compreensão textual, bem como, experimentar outras ferramentas de ensino que proporcionem ao aluno a ler. Assim, o sujeito aluno/adulto abre caminhos para sua inserção e atuação na atual sociedade, grafocêntrica.

#### 4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMATO, Mirian. GARCIA, Neise Aparecida Rodrigues. A Biblioteca na Escola. In: NEY, Alfredina. et al. Biblioteca Escolar: estrutura e funcionamento. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- BAZERMAN, C. Escrita, gênero e interação social. São Paulo: Cortez, 2006.
- BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral I. Trad. Maria Novak e Maria Luisa Néri; rev. Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes 1995.
- BRASIL. Indicadores da qualidade na educação: dimensão ensino e aprendizagem da leitura e da escrita/Ação Educativa. CEB/MEC.(coordenadores) São Paulo: Ação Educativa, 2006.
- \_\_\_\_\_.Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. 3. ed. Brasília, DF, BRASIL (2006)
- \_\_\_\_\_.Ministério da educação. Trabalhando com educação de jovens e Adultos: Alunos e Alunas de EJA. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Brasília. 2006 p. 05
- CAGLIARI, L. C. Alfabetização e linguística. 4ª ed. São Paulo: Scipione, Pensamentos e ação do magistério, 1992.
- CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. Psic., Jun 2006, vol.7
- CORTAZAR, Julio. Alguns Aspectos do Conto. In: Valise de Cronópio. São Paulo, Perspectiva, 2006. p.147-163.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan, (2001). O ensino da literatura nas séries iniciais. -3ª Ed. Ijuí -RS, Ed. UNIJUI 2000.
- FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam. 22 ed.São Paulo: Cortez, 1983.
- GOTLIB, Nádía Batella. Teoria do Conto. São Paulo, Ática, 1998.
- KLEIMAN, Ângela. Texto e leitor – aspectos cognitivos da leitura. Campinas/São Paulo, Pontes, 1995
- \_\_\_\_\_. Oficina de leitura: teoria e prática. Campinas/São Paulo, Pontes, 1998.
- KOCH, Ingedore V. Argumentação e linguagem. 7ª. ed. São Paulo, Cortez, 2002
- KRIEGL, Maria de Lourdes de Souza. Leitura: um desafio sempre atual. Revista PEC, Curitiba,v. 2, n.1, p. 1-12, jul. 2001-jul. 2002.
- LAJOLO, Marisa. Leitura e Literatura na Escola e na vida. 6. ed. São Paulo: Editora Ática 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Gêneros textuais & ensino. DIONISIO, Ângela Paiva e MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora organização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

PRAZERES, Andréa J. R. **A voz da escrita: um olhar psicopedagógico.** [www.abppsc.com](http://www.abppsc.com).2008.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando. Transinformação, São Paulo, v.6, n.1/2/3, p.60-73, Jan./ Dez.1994

RIBEIRO, V. M. A promoção do alfabetismo em programas de educação de jovens e adultos. In: RIBEIRO, V. M.(org.) Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2001

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SILVA, Ivanda Maria Martins. Literatura em sala de aula: da teoria à prática escolar. Recife: Programa de Pós-Graduação da UFPE, 2005.

SOARES. Angélica. Gêneros Literários. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura.6 ed.Porto Alegre: Artmed,1998.

VYGOTSKY, L.S A formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes. 1994.

## 5- APÊNDICES

### 5.1. Entrevista com o professor

**Universidade Estadual da Paraíba**  
**Curso: Licenciatura em Pedagogia**  
**Campina Grande**

Roteiro da Entrevista - Semi-estruturada

1. Qual a importância da leitura no processo de ensino aprendizagem dos alunos de EJA?
2. Como você desenvolve a prática de leitura em sala de aula com seus alunos de EJA?
3. Qual (is) o (os) seu (s) objetivo (s) quando desenvolve as práticas de leitura em sala de aula?
4. Com que frequência você trabalha a leitura em sala de aula?
  - ( ) diariamente
  - ( ) um vez por semana
  - ( ) mais de uma vez por semana
  - ( ) uma vez por mês
  - ( ) mais de uma vez por mês
  - ( ) uma vez por semestre
5. Porque você escolheu desenvolver esse projeto com o gênero conto?
6. Quais os contos mais trabalhados no projeto? Quais deles os alunos demonstraram maior interesse?

## 5.2. Entrevista com os alunos

**Universidade Estadual da Paraíba**  
**Curso: Licenciatura em Pedagogia**  
**Campina Grande**

Roteiro da entrevista Semi- estruturada

1. Qual a importância da leitura para sua ascensão profissional ou pessoal?

2. Como é proposta a prática de leitura em sala de aula?

3. Com que frequência você ler na escola?

- diariamente
- um vez por semana
- quando é solicitado pelo professor

4. Você já visitou a biblioteca? Quantas vezes por semana?

- Sim
- Não
- uma vez por semana
- mais uma de uma vez por semana
- dificilmente visito

5. Você conhece os gêneros textuais?

- Sim
- Não

6. Quais os gêneros textuais você costuma ler?

7. Você já leu algum conto?

- Sim
- Não

### 5.3- Imagens

Imagem A



O professor com seus alunos na biblioteca

Imagem B



Momentos de leitura na biblioteca

Imagem C



Momentos de leitura na biblioteca

Imagem D



Momentos de leitura na biblioteca

Imagem E



Momentos de leituras na biblioteca

Imagem F



Momento de leituta na biblioteca

Imagem G



Momento de leitura em sala de aula

Imagem H



Momento de leitura em sala de aula

Imagem I



Momento de leitura em sala de aula

Imagem J



Momentos de leituras em sala de aula